



PANCADA DE CHUVAS

Baiano inventa para enfrentar os alagamentos

KARINA BARACHO

O cenário na capital baiana mudou na manhã de ontem. Quem precisou sair de casa cedo deparou-se com ruas alagadas e trânsito congestionado. Em bairros nobres e populares, a água cobria os pés dos pedestres e chegava nas canelas. Com calças dobradas até os joelhos e calçados nas mãos, eles tentavam atravessar as ruas. Em alguns locais a água era tanta que os veículos menores ficaram impossibilitados de passar, como num trecho da Avenida Nilo Peçanha, na Calçada. O motorista de um Siena tentou atravessar a "lagoa" feita pela chuva, mas desistiu, apenas ônibus e caminhões se atreviam a chegar ao outro lado. Sem caminho alternativo, dois ciclistas esperavam a tregua da chuva.

Na Avenida Centenário,

muitos carros quebraram ao tentar encostar a enxurrada e tiveram que ser empurrados pelos próprios motoristas e colocados nos canteiros a espera de socorro. A chegada pelo ferry-boat também foi complicada para muitas pessoas que desembolsaram R\$ 0,50 para atravessar a Avenida Frederico Pontes - sem molhar os pés - nos carrinhos que fazem o descarregamento dos caminhões em dias de sol. Quem não tinha dinheiro foi obrigado a colocar os pés na água, como a aposentada Lúcia Rocha, 82 anos. "Toda vez é isso aqui, só tenho R\$ 2,00 para pagar o transporte até a minha casa".

A situação não foi diferente para os moradores do Itaipava. "Isso é uma vergonha. Basta uma chuva mais forte e a Avenida fica intransitável", disse a secretária Laura Albuquerque, 25 anos. Ela foi obrigada a dobrar a barra da calça na altura da

canela e segurar a sandália, no intuito de conseguir atravessar a Avenida ACM. "Não tem como não pisarmos nessa água suja". O economista Adriano Silva, 33 anos, resolveu deixar o veículo em casa e foi para o trabalho de ônibus. "Meu carro já quebrou aqui nessa Avenida por causa da chuva, não quero que aconteça outra vez. O seguro não pagou o conserto, o dinheiro saiu do meu bolso", desabafou.

Os pontos mais complicados da cidade são basicamente os mesmos, como explicou o motorista José Henrique Gomes, 29 anos. "A população já sabe onde vai alagar, mas infelizmente isso reflete em toda a cidade. Aqui está tudo seco, mas o congestionamento está grande. A situação é crônica". A Superintendência de Engenharia de Tráfego (Set), tentou desobstruir o trânsito. "Procuramos fazer o trânsito fluir", disse o agente da Set, Fernando Almeida.

Ônibus não paravam

No bairro do Pau Miúdo, a situação também foi complicada na manhã. Caminhando por uma rua do bairro, a doméstica Sandra Guedes, 23 anos, tentava chegar até o ponto de ônibus. "Estou sem sombrinha e toda molhada, mas preciso chegar ao trabalho". Por causa da concentração de água os coletivos não paravam próximo às paradas indicadas. Os usuários foram obrigados a andar por dentro das poças até conseguirem entrar nos veículos.

De acordo com dados do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), o tempo instável se deu pela presença de uma frente fria na capital baiana. O instituto prevê ainda, que o tempo fique nublado com pancadas de chuva até amanhã, com temperaturas que variam entre 21°C a 27°C.

Poucas horas de chuva foram um sufoco para vencer as ruas alagadas. Cada um se virou como pôde. Esta moça (foto), sem ajuda, conseguiu atravessar a rua, com muita coragem e determinação.

